

**NA SALETA SEM VIVER NEM MORRER:
ANOTAÇÕES SOBRE LITERATURA, EDUCAÇÃO E SAÚDE NA AMAZÔNIA¹**

Elizabeth Teixeira²
Fernando Jorge dos Santos Farias³

RESUMO

O ensaio busca construir uma leitura literária capaz de destacar a interface entre literatura, educação e saúde a partir do personagem Eutanázio, figura presente no romance *Chove nos campos de Cachoeira*, do escritor Dalcídio Jurandir. Para isso, elege o modo de fazer de uma investigação histórica, associada ao entendimento advindo do paradigma da complexidade, estruturado por Morin (1991), quando considera os processos e produções humanas como passíveis de diferentes interações e interpretações. Nesse sentido, aborda a compreensão de Dalcídio sobre os limites de transmitir a vida da Amazônia, em termos ficcionais. Na sequência, foca no personagem Eutanázio e suas ações no romance, sobretudo àquelas relacionadas à saúde-doença, vivida em uma região tipicamente amazônica. Em um plano conclusivo, o ensaio busca chamar a atenção para o registro e utilização que a literatura apresenta. Além disso, reforça o entendimento de que tanto a literatura brasileira de expressão amazônica, quanto o escritor Dalcídio Jurandir, se posicionam com destaque no âmbito cultural, visto que somam para os registros e possibilidades interpretativas trabalhadas no fazer acadêmico, científico.

Palavras-chave: Saúde-doença. Literatura. Amazônia. Dalcídio Jurandir.

ABSTRACT

The essay seeks to build a literary reading capable of highlighting the interface between literature, education and health based on the character Eutanázio, a figure present in the novel *Chove in the fields of Cachoeira*, by the writer Dalcídio Jurandir. For this, it chooses the method of implementing a historical investigation, associated with the understanding arising from the complexity paradigm, structured by Morin (1991), when he considers human processes and productions as subject to different interactions and interpretations. In this sense, it addresses Dalcídio's understanding of the limits of transmitting life in the Amazon, in fictional terms. In the sequence, he focuses on the character Eutanázio and his actions in the novel, especially those related to health-disease, lived in a typically Amazonian region. In a conclusive plan, the essay seeks to draw attention to the record and use that the literature presents. In addition, it reinforces the understanding that both the Brazilian literature of Amazonian expression and the writer Dalcídio Jurandir position themselves prominently in the cultural scope, since they add to the records and interpretative possibilities worked on in academic, scientific practice.

Keywords: Health-illness. Literature. The Amazon. Dalcídio Jurandir.

Data de submissão: 19.08.2020
Data de aprovado: 02.09.2020

¹ O ensaio corresponde a uma versão revista e ampliada do artigo “As dores do mundo na saga de saúde-doença do personagem Eutanázio, de Dalcídio Jurandir: dos campos da literatura para o ensino de educação em saúde”, apresentado no XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 2013.

² Enfermeira pela UFRJ. Doutora em Ciências Sócio-Ambientais pela UFPA. Pós-doutorado em Sociologia pela Universidade de Coimbra e em Enfermagem pela UERJ. Atualmente é professora visitante da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Contato: etfelipe@hotmail.com

³ Pedagogo e Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela UEPA. Mestre em Educação pela UEPA/PUC-RIO. Doutor em Educação pela USP. Atualmente é professor do quadro efetivo da UFPA, Campus Altamira. Contato: ffarias@ufpa.br

INTRODUÇÃO

O estudo tem como centralidade realçar a interface entre literatura, educação e saúde a partir do personagem Eutanázio, figura presente no romance *Chove nos campos de Cachoeira*, do escritor amazônida Dalcídio Jurandir. Trata-se de um intelectual brasileiro nascido em 10 de janeiro de 1909, na cidade de Ponta de Pedras, Pará-Brasil. Para a crítica literária nacional e internacional, Dalcídio, autor do chamado *Ciclo Extremo-Norte* - um conjunto de dez obras romanescas que tratam das diversas questões alusivas à Amazônia -, está entre os maiores (senão o maior) romancista que a Amazônia teve, visto que seu legado se estende para a crítica literária, crítica de arte, jornalismo, poesia, incursões no campo educacional dentre outras atividades culturais.

A partir de certa experiência com a utilização de vídeos, poesias, romances e outras formas de expressão artística que auxiliem o ensino-aprendizagem, a sensibilização estética, pensamos ser possível, a partir das questões que se objetiva erguer com o ensaio, somar à prática docente com uma aproximação à literatura. Por conseguinte, entendemos que o encontro com a literatura brasileira de expressão amazônica, no intuito de discutir educação e saúde, se faz pela necessidade de alargar o debate sobre as multideterminações e dimensões da realidade que cerca o processo saúde-doença nos muitos “campos”, nas diferentes localidades da Amazônia.

Esta investida nos aproxima do paradigma da complexidade de Morin (1991), que define complexidade enquanto fenômeno aberto à extrema quantidade de interações e interferências, e que compreende e acata incertezas, indeterminações e multidimensões. Em busca de outras interfaces entre educação e saúde, educação e arte, literatura e saúde, elaboramos uma leitura literária ligada ao personagem Eutanázio e seu contexto. Posto isso, nos orientamos também pelo pensamento de Calamé (1995, p. 56), quando refere que é preciso,

construir um humanismo do século XXI que não dissocie o sentido e o saber, que saiba que a criatividade sempre surge onde não é esperada, da união de disciplinas e de pontos de vista diversos; que reconheça que os nossos sistemas são sistemas sociotécnicos que associam fatos humanos e dispositivos técnicos, e devem ser abordados enquanto tais; que não separem o corpo da mente; que reconheçam e respeitem a unidade dos homens mais que a coleção de seus órgãos, as unidades culturais mais do que a coleção de seus componentes.

É baseado nessa prerrogativa que ancoramo-nos na arte, de maneira mais ampla, para tentar empreender uma estratégia a favor do humanismo do século XXI. Para tal, escolhemos a literatura brasileira de expressão amazônica para concretizar nossa navegação e travessia no ensinar e aprender sobre o processo saúde-doença, justamente por entendermos ser necessário, como já afirmamos, nos aproximar da arte como instrumento pedagógico, capaz de ampliar visões sobre “os mundos”. Essa necessidade, ao que nos parece, encontra ressonâncias nas ideias de Camus (1942) quando compreende que se o mundo fosse claro, a arte não existiria. A arte se mostra vestida de múltiplas formas: cores e nuances, sons, máscaras, formas móveis e imóveis, em tantas formas inclusive por meio das palavras.

Assim, nos lançaremos a seguir nas palavras dispostas na obra *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. Antes, investiremos, ainda que de forma breve, no processo criativo e na compreensão de Dalcídio Jurandir sobre a representação da realidade, em termos literários. Feito isso, destacaremos a saga do personagem Eutanázio e determinadas questões circundantes a sua vida, a saber, os processos de saúde-doença. Por fim, chamaremos a atenção para a utilização da literatura no ensino de educação em saúde como um dispositivo a favor de um outro olhar sobre o processo saúde-doença.

1 LITERATURA E REALIDADE: FIOS DE UM MESMO TECIDO?

Obras literárias, personagens, cenários, enredos, imaginação e poética, entrelaçados, podem ser outros dispositivos a favor de aprendizagens significativas e interfaces propositivas entre educação e saúde. Acreditamos na literatura dalcídiana a favor de um outro olhar sobre o processo saúde-doença na Amazônia “dos campos”, das diferentes localidades, porque acreditamos na literatura enquanto imagem e/ou retrato da realidade, em que ficção e realidade se entrelaçam em uma trama complexa. A possibilidade de combinação entre o artístico e o real foi entendida por Dalcídio ao ponto de representar, por meio da Literatura, várias questões, principalmente aquelas relacionadas à vida do povo humilde da Amazônia. E esta vida, recriada, revivida pelos personagens do escritor nortista, ganhou não um falseamento, mas uma transfiguração possibilitada pela licença que a literatura traz consigo: re-apresentar não os indivíduos, mas os tipos que estes exercem no meio social (FARIAS, 2009).

Na obra *Chove nos campos de Cachoeira*, ao criar um espaço e personagens sob a égide de um tempo assemelhado ao período pós 1ª guerra mundial, Dalcídio procura aproximar-se da realidade objetiva dos indivíduos que viveram em Cachoeira do Arari e, por extensão, na Amazônia, nesse momento. Seu ofício, amargamente realizado, passou a significar a possibilidade de eco à voz de um povo esquecido, sofrido, massacrado pelas injunções da lógica capitalista.

Em meio ao entendimento de Dalcídio Jurandir sobre o que seria re-presentar esse seu povo, julgamos ser importante salientar as formulações de uma dentre tantas outras influências que teve quando se trata de produção literária: as ideias do crítico literário inglês Henry James⁴ quando se antecipa àqueles que atacam o romance como criação literária cujo objetivo consiste em fingir a vida real.

A literatura, em especial o romance, conforme reflete James (1884), tem vida própria e, alusivamente, não comporta a justificativa de que a representação molhou-se mais ou menos nas águas do real. A criação romanesca reveste-se de certa autonomia, equiparada, na compreensão do crítico literário inglês, aos escritos produzidos por um historiador, a tela elaborada por um pintor, uma estátua construída por um escultor. A todas estas produções, sem concessões, cabe a tarefa de representar. Henry James é taxativo ao enfatizar que, unicamente, cabe aos indivíduos envolvidos nestas áreas da arte, recriar uma determinada expressão humana:

De um quadro não se espera que se humilhe para que o perdoem; e a analogia entre a arte do pintor e a do romancista, tanto quanto posso alcançar, é completa. A inspiração de ambas é a mesma, o processo (considerada a diversidade qualitativa do meio de expressão), o mesmo, seu êxito é o mesmo. Podem aprender uma com a outra. Explicar-se e apoiar-se mutuamente. Sua determinante é a mesma, a honra que se concede a uma é a mesma que se concede à outra. Os maometanos consideram um quadro algo profano, porém, muito tempo se passou desde que os cristãos faziam o mesmo, e surpreende que na mente do cristão permaneçam até hoje vestígios (dissimulados que sejam) de uma desconfiança para com a arte-irmã. O único modo eficaz de deixar de lado a questão é realçar a analogia que acabo de referir – insistir no fato de que assim como a pintura é realidade, o romance é história. Esta é a única definição geral (a qual lhe faz justiça) que podemos dar ao

⁴ As ideias de Henry James, tratadas nesse ensaio, saíram de um material no mínimo curioso. Esse material, disposto no acervo de Dalcídio Jurandir, na FCRB, Rio de Janeiro, tem como título “A Arte da Ficção”, de Henry James. Aparentemente publicado de forma seriada, em fascículos (e que Dalcídio teria colecionado), o escrito do crítico literário inglês apresenta em suas bordas algumas anotações e comentários realizados por Dalcídio Jurandir.

romance. Mas a história também é permitida representar a vida: dela não se espera, tanto quanto da pintura, que se desculpe. A matéria-prima da ficção é igualmente armazenada em documentos e registros e, a não ser que se trata inadvertidamente, é seu dever falar com segurança, no tom do historiador. Certos romancistas consumados têm o hábito de se traírem inadvertidamente, o que traz lágrimas aos olhos das pessoas que lhes levam a sério a ficção (JAMES, 1884, p. 4-5).

O romancista, na percepção de James (1884), necessita firmar seu propósito e sua obra como produto de uma arte assentada em uma realidade tal como faz o historiador, o pintor e qualquer outro indivíduo que se propõe a representar a vida cotidiana, a vida diária, independentemente se seu meio de representação for um documento, um registro, um romance ou uma tela. Dalcídio Jurandir esclarece que, em sua compreensão, cabe ao romancista ter nítido que sua produção não assumirá o caráter mais subjetivo (o que lhe aproximaria do gênero memórias), nem tão pouco se valerá de uma construção mais impessoal, sedenta de objetividade (o que lhe levaria ao *status* de historiador); cabe ao romancista, elaborar uma narrativa que ergue uma “deformação consciente, em que os fatos e as pessoas deixam de ser as mesmas da vida para serem imagens desta” (JURANDIR, 195?, s/p)a.

Aqueles que justificam seu romance como produção encharcada de puro faz-de-conta, e admitem que os sucessos que narram efetivamente não aconteceram e que podem imprimir à sua narrativa o rumo que mais agrade ao leitor, merecem, na compreensão de James (1884, p.5), total descrédito por iniciarem sua atividade cometendo “falta de discrição nesse particular [...] traição para com um ofício sagrado, parece-me, confesso, um crime hediondo; é isto que entendo por atitude de quem se desculpa”. De forma conclusiva, Henry James ainda reitera que

Isto implica que o romance está menos empenhado em procurar a verdade (por verdade, é claro, significa aquilo que o romancista considera como tal), as premissas que lhe concedemos com antemão, quaisquer que sejam que o historiador, e assim procedendo despoja-se inopinadamente de seu lugar de espectador. Representar e ilustrar o passado, as ações dos homens, é tarefa tanto de um quanto do outro escritor. E a única diferença que posso ver, favorável ao romancista – desde que bem sucedido -, está em que este enfrenta maior dificuldade na coleta de seus dados, os quais longe estão de ser puramente literários. Parece-me que lhe confere feição toda especial a circunstância de ter ele tanto de comum com o filósofo e o pintor; essa dupla analogia constitui quinhão magnífico (JAMES, 1884, p.5).

Sobre essas considerações de Henry James, pelo menos duas manifestações de Dalcídio merecem registro. A primeira corresponde ao fato de, conscientemente, não se submeter às leis de mercado e elaborar uma narrativa simples, de grandes vendagens, mas por investir, como ponderou a Torres, Maranhão e Galvão (1976, p.4), na “linguagem, nos vagares da narrativa, no ritmo lento das cenas”. A segunda questão diz respeito ao historiar de forma literária, a vida cotidiana. Ao publicar crítica acerca dos conflitos e personagens no romance, em especial a obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado, Dalcídio insiste na proposição de que a construção romanesca que não deve e não pode se distanciar dos acontecimentos históricos, além de ser cirúrgica na sua construção de tipos. Sua explicação, baseada em um exemplo bastante didático, confirma sua compreensão:

A arte literária, arte criadora de caracteres, de “tipos”, exige imaginação, intuição, invenção. Descrevendo qualquer lojista que conheça, ou um funcionário, um operário, o escritor fotografa um homem determinado, mas essa imagem estará privada de todo sentido social e educador, e pouco contribuirá para a amplitude, o aprofundamento do nosso conhecimento do homem, da vida. Mas se o escritor sabe extrair de cada vinte, cinquenta, cem lojistas, operários os traços característicos de

cada classe – seus hábitos, gostos, gestos, crenças, maneiras e falar, etc – os extrai e refunde em um só lojista, funcionário, operário – criará um “tipo” e isto será arte. A amplitude das observações, a riqueza da experiência humana concedem ao artista uma força que ultrapassa o seu ponto de vista pessoal, a sua subjetividade (JURANDIR, 1954, s/p).

Em outros termos, podemos inferir que Dalcídio Jurandir observa a efetivação, o sucesso do escrito artístico-literário, não pela lógica de mercado voltado às vendas, mas pela qualidade técnica, pela verossimilhança capaz de acionar o leitor. Ao artista, nessa perspectiva de Dalcídio, cabe a combinação de história e ficção, conduzindo a ação em termos, sem nunca afastar-se do fato histórico, verídico, isto é, o romancista tem como prerrogativa responsável, o “arbítrio de deslocar acontecimentos da história, recuar e antecipar fatos históricos que ocorrem ou que se presume acontecer” (JURANDIR, 195?, s/p)b.

Essas explicações se tornam necessárias para que se entenda a operação realizada por Dalcídio Jurandir ao criar o tipo Eutanázio, muito comum na Amazônia: homem maduro em idade (cerca de 40 anos de idade), saúde fraca e mergulhada em orgias, sobretudo as orgias sexuais, que o debilitava ainda mais. Vivendo de forma desenfreada, Eutanázio ilustra aquele tipo humano atraído pelo signo da morte - *thanatos*, personificação da morte na mitologia grega-, inclusive, impregnada na construção de seu nome, o que, de maneira incondicional o leva, emprestando uma imagem direcionada para representar seu criador, “a focar a sensação doce e ingênua e injusta que é o viver”(FARIAS, 2012, p.122).

Literatura e realidade, em *Chove nos campos de Cachoeira*, se articulam a tal ponto de caracterizarem uma pintura em que a agudez e a sutileza do cenário amazônico seguem como tinta forte e vacilante, capazes, em um só tempo, de ainda incomodar. Ao capturar, como declarou em entrevista a Torres, Maranhão e Galvão (1976, p. 3), “almas, cenas, figuras, linguagens, coisas, bichos, costumes”, estaria Dalcídio apresentando indícios da elaboração de uma ficção-realidade, aplicação precisa dos ensinamentos aprendidos em uma vida dedicada a ilustrar, em termos ficcionais, “o que vive, sente e sonha o homem marajora”, e por justa extensão, o homem Amazônida?

2 A SAGA DE SAÚDE-DOENÇA: O PERSONAGEM EUTANÁZIO, O CONTEXTO DA OBRA

A escolha do personagem Eutanázio na obra *Chove nos campos de Cachoeira* se deu por se destacar na narrativa, ao lado de seu irmão, o personagem Alfredo. Na verdade, alguns pesquisadores, como por exemplo Pantoja (2006), em grande medida, nivelam a importância de Eutanázio e Alfredo no romance em questão, etendendo o primeiro como um co-protagonista. Apesar de outros personagens do romance apresentarem questões relacionadas à saúde-doença, o filho mais velho do Major Alberto se destaca desde as primeiras páginas como um ser afeto às questões de saúde-doença, a começar pelo próprio nome. Eutanázio nos faz pensar imediatamente em eutanásia. Agora, julgando ser pertinente, desviamos temporariamente da obra e do personagem para discutirmos um pouco mais sobre diferentes questões em torno da eutanásia.

O termo eutanásia, como sinalizamos em momento anterior, deriva do grego, aceitando como possibilidade de tradução a ideia de “boa morte” ou “morte apropriada”. Um outro registro do termo, também pioneiro, que se aproxima da disposição do personagem Eutanázio, consiste na concepção de Bacon (1663), que discorre sobre a noção de eutanásia como o tratamento adequado às doenças incuráveis.

Eutanásia, de maneira geral, associa-se à ação de uma pessoa causar, deliberadamente, a morte de outra que está fraca, debilitada ou em sofrimento. Neste último caso, a eutanásia

seria justificada como uma forma de evitar um sofrimento acarretado por um longo período de determinada doença. Por extensão, compreendemos que a palavra eutanásia, se utilizada no seu real sentido, designaria também o emprego de meios adequados para tratar uma pessoa que está morrendo.

Enquanto procedimento médico, consiste na forma de apressar a morte de um doente incurável, sem que esse sinta dor ou sofrimento. Quando feito de forma legal, a ação é praticada por um médico com o consentimento do doente ou de seus familiares. Diante das controvérsias, fica nítida a polêmica que gera, inclusive em âmbito bioética, do chamado biodireito, pois apresenta pareceres e argumentos favoráveis e contrários. De um lado há entendimentos de que a eutanásia seria uma forma de aliviar a dor e o sofrimento de uma pessoa, que se encontra em estado crítico, sem perspectivas de melhora, e assim autorizada a dar fim a própria vida. Em outra perspectiva, em especial do ponto de vista da ética médica, tanto o médico quanto o sistema de saúde, devem fornecer todo e qualquer meio necessário para o tratamento da pessoa, ainda que se trate de uma doença considerada incurável.

Saindo da necessária digressão e retornando à ficção dalcidiana, encontramos o personagem Eutanázio como um amante do sofrimento, um ser inclinado à vida desregrada, afeito à morte em vida, ou seja, um personagem que localiza a dignidade de seu viver na derruição progressiva de suas ações. Para isso, se vale de si e dos outros, em especial da prostituta Felícia, que, de forma paradoxal, nutre a vida esfacelada de Eutanázio com doses suaves de sofrimento, não só por determinada doença transmitida, mas por uma indiferença ao amor apresentado pelo decrépito moço:

Ninguém andasse se preocupando com ele. Nem tinha sido de Belém que trouxera a doença. Voltou-lhe a náusea daquela noite de luar em que sentiu a sua desgraçada carne pedir, a sua carne fria, mas suada, o empurrar para a barraquinha de Felícia. Tinha saído da casa de seu Cristóvão [...] sentiu que devia se entregar a qualquer coisa que ao mesmo tempo contentasse a carne e castigasse a sua impotência (JURANDIR, 1941, p. 25-6).

Posto isso, é de se afirmar que Eutanázio simboliza, dentre outras possibilidades de leitura, um auto-alívio para as dores sentidas desde o vir ao mundo, sendo seu próprio algoz. Cabe a ele próprio, a prerrogativa de poder aliviar suas dores, se autodestruindo, uma vez que na realidade da ficção, encontrou somente caminhos tortuosos, de insucessos, de frustrações, o amor mal correspondido, um amor de escárnio, ofertado por Irene que, com seu desdém, acentuava o ar moribundo de Eutanázio:

Está completa a sua miséria. Irene, se soubesse, daria a sua gargalhada. Quando ela ria, a boca, um pouco grande, não se abria, mas arreganhava, era o termo de Eutanázio, e apesar de ser uma criatura moça e bonita era uma máscara odiosa. Um riso que o cortava todo, caía nos nervos como vidro moído [...] Por que em vez de Irene não ama Felícia? Santa Felícia (JURANDIR, 1941, p. 29).

Além desse desamor vivido, ou melhor, o insucesso amoroso de Eutanázio parece se combinar ao contexto vivido, marcado por crises econômicas, guerras, epidemias e mortes. Sugerindo o final dos anos 10, a obra nos aproxima de pelo menos dois trágicos registros: a Primeira Guerra Mundial, com seu amargo saldo de oito milhões de mortos e 20 milhões de mutilados, e a Gripe Espanhola, também devastadora, silenciosa arma que atacou entre setembro e novembro de 1918 o planeta inteiro, e deixou mais de 20 milhões de mortos, isto é, 1% da população.

Só nos Estados Unidos, 500 mil pessoas morreram da Espanhola. Essas estatísticas, representam uma quantidade muito maior de vidas ceifadas, que o número de soldados mortos no campo de batalha durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial, Guerra da Coreia e

Guerra do Vietnã juntas. Grande parte desses números de mortes entre os soldados e seus familiares, se deu por causa de suas idas e vindas. Doentes, voltavam para sua terra natal e infectavam mais gente, em diferentes países, em diferentes regiões e localidades do mundo.

A primeira notícia do vírus da gripe espanhola no país foi de setembro de 1918, logo depois da chegada de um navio com imigrantes vindos da Espanha. Vários deles apresentavam sintomas da gripe. Outro relato dizia que alguns marinheiros sentiram estranhos sintomas a bordo de um navio que ancorou em Recife. O fato é que no início de novembro de 1918, a doença já tinha alcançado vários pontos do Brasil, alastrando-se das cidades portuárias, que sofreram de imediato, até às regiões longínguas, como a vila de Cachoeira, decrita na ficção dalcidiana:

A guerra mandara a Espanhola para Cachoeira. E Doutor Campos, vermelho de cachaça com limão, bradava:

- É a influenza em Cachoeira e o bolchevismo nas estepes!

Eutanázio, com a língua de fora, andava sempre, sem medo da Espanhola [...]. Os defuntos pobres iam mesmo nas redes velhas, nas esteiras. As covas já nem eram de sete palmos. Enterravam dois, três, numa cova (JURANDIR, 1941, p. 101-2)

É neste cenário, transposto para a ficção, que convive com a morte, o personagem Eutanázio e tantos outros moradores de Cachoeira. Estes, de modo geral, justamente por morarem distante dos grandes centros do país, sofreram com o descaso do poder público frente à Gripe Espanhola e tantas outras doenças. Alíás, a saúde pública na Amazônia, em particular a saúde pública no Pará, como observou Farias (2009), apresentou no início do século XX um ar decadente, de franca e compatível deteriorização com o regime republicano, instaurado na 1ª República. Isso tudo, conforme salienta Coimbra (1981, p.137), confirmava a inoperância de um regime “esclerosado, incapaz e fadado irremediavelmente, a desaparecer, para dar lugar a um novo período, com novas características, onde tudo deveria ser modificado, em todos os níveis, a vida societária, política e social”.

Nesse período cinzento, a educação em saúde (se podemos falar disso nesse momento), na lógica da educação sanitária, se constitui enquanto disciplina capaz de higienizar corpos sadios, doentes e carentes porque mergulhados em condições precárias de habitação, saneamento básico, acesso às medidas de prevenção e controles eficazes. Esse quadro real, de forma precisa, é plasmado e re-apresentado por Dalcídio Jurandir.

Como último aspecto alusivo a esse contexto histórico, ilustrado no romance de Dalcídio, destacamos que, dada a necessidade de ação frente às calamidades, os discursos médicos passam a ganhar força na sociedade como um todo. Por sinal, o novo olhar para a saúde e educação que o período aspira, leva muitos higienistas e eugenistas a observarem em tom favorável a atuação de profissionais das áreas médicas, inclusive no espaço escolar, por meio das atividades de inspeção médica, ensino de higiene.

À escola, inserida em uma rede de instituições, como detectou Stephanou (2005), começou a ser organizada como formadora de cidadãos capazes de executar práticas individuais e coletivas sedimentadas na higiene, na saúde, nos modos de agir e pensar, tudo isso ligado às indispensáveis noções de civilização e urbanidade. Na realidade amazônica esse modelo não é implementado de imediato, e quando executado, apresentou uma gama de dificuldades, de limites. Na ficção, pelo menos em *Chove nos campos* de Cachoeira, as dificuldades foram maiores ao ponto de não se ter tais medidas na prática. Meio que combinando a esse colapso socio-educacional, Eutanázio seguia a duras penas para a escola, visto não encontrar realização alguma nos saberes trabalhados naquele recinto.

Eutanázio acabou não adivinhando a utilidade de saber ler e escrever. Tudo seria a mesma coisa. A vida teria a mesma cara e a mesma coroa, quem era rico e os que eram pobres, o almoço e o jantar, a fome e a morte [...]. Nunca respondia mal ao

mestre. Tinha, no entanto, uma submissão soturna e distraída. Estudava para não apanhar de palmatória. Se apanhasse, seria capaz de matar o mestre com uma pedrada. O mestre escancarava o seu despeito:

- É obediente por birra, ele. E por birra. Por enjambração. Eutanázio olhava interrogativamente, muito espantado. A palmatória atenta à beira da mesa. O mestre tinha os bigodes pontudos, a pastinha dos cabelos puxada para a testa e só vivia palitando os dentes. Com o mesmo palito distraidamente palitava o ouvido (JURANDIR, 1941, p. 36-7).

Não sendo a escola o grande encanto do personagem Eutanázio no mundo, ele segue vivendo as possíveis realizações da vida, satisfeito com a doença da mocidade, acionando, em poucos momentos, alguns fármacos de caráter paliativo, como é o caso do Elixir de Nogueira. No geral, o que se visualiza em *Chove nos campos de Cachoeira* é um personagem praticamente fundido ao próprio contexto derrocado, disposto em fisionomias lânguidas, disformes, vacilantes.

3 EUTANÁZIO, UM ITINERÁRIO MARCADO PELO “SOFRIMENTO”

Eutanázio, desde seu nascimento, não acumulou sucessos, felicidades, mas determinações que lhe fizeram ser um sujeito marcado pela vida vazia, angustiada, emaranhada no sentimento profundo de inferioridade, de pouco valor na pobre vila de Cachoeira.

Eutanázio pensava que doença do mundo ele tinha era na alma. Vinha sofrendo desde menino. Desde menino? Quem sabe se sua mãe não botou ele no mundo como se bota um excremento? Sim, um excremento. Teve uma certa pena de pensar assim sobre sua mãe.

Não tinha grandes amores pela mãe. Morrera, e quando o caixão saiu, ele, sem uma lágrima, sentiu sede e foi fazer uma limonada. Aquele choro das irmãs, dos parentes, lhe pareceu ridículo. Enfim, sua mãe tinha morrido. Ele saltou de dentro dela como um excremento. Nunca dissera isso a ninguém. Depois, a sua própria mãe contava que o parto tinha sido horrível. Os nove meses dolorosos. Sim, um excremento de nove meses. A gravidez fora uma prisão de ventre (JURANDIR, 1941, p. 22).

Com essa passagem do romance, o narrador registra de forma impactante sua infância, sua mocidade, o momento de sua indiferença ante a morte de sua mãe. Eutanázio - o sujeito não nascido, mas “expelido” pela mulher do Major Alberto, em seu primeiro casamento-, vivia desacreditado, entre tudo e todos os moradores da Vila de Cachoeira:

O silêncio de exumação de Eutanázio. Quantas covas a abrir no seu passado. Uma infância doentia, infeliz. Certos desejos, certos sonhos, as inquietações obscuras da adolescência. Os primeiros desenganos ruins demais para a sua sensibilidade, ou melhor, para a sua irritabilidade. Mas enterrara tudo sem saber se estava morto ou não. Daí o seu silêncio de exumação. Obsessão de rever as ossadas, os vestígios de certos sonhos, certos desejos que mal se completaram, como fetos, na sua mocidade solitária e inútil (JURANDIR, 1941, p. 29-30).

Vida e morte rondam em torno do personagem; o narrador define essa mortificação com termos que representam mais o morrer em vida do que o viver com vida (por exemplo: silêncio / exumação / covas / passado / infeliz / obscuras). Nesse sentido, inferimos tratar-se da própria eutanásia atravessando a saga do personagem:

Na saleta Eu sem viver, mas também sem morrer [...]. O seu medo de morrer aumentava. A garganta podre, seus olhos ardiam, o sexo doía, a garganta, a fraqueza [...] respira com mais dificuldade, os olhos saltavam do esqueleto para o telhado, osso e pele [...]. A morte” (JURANDIR, 1941, p. 271; 283).

Quando se foca ainda mais no itinerário de Eutanázio, é possível destacar em seu tipo a intensidade de culpas, vergonhas e uma parcela, ainda que pequena, de certa realização pela experiência vivida em sua mocidade, já que, de acordo com a personagem D. Gemi, acostumada “a curar doença de toda gente [...] mocidade é isso mesmo” (JURANDIR, 1941, p. 28). Seu itinerário de saúde-doença é marcado pelo contexto decandente que descrevemos, somado a uma doença que não tinha seu nome anunciado, mas que é referida no romance com expressões fortes e marcantes: “uma doença cuja vergonhosa intimidade lhe contamina a imaginação [...] o vexame [...] aquela enfermidade [...] essa imundície [...] dessas porcarias [...] o mal [...] o mal de Felícia [...] a imunda moléstia (JURANDIR, 1941, p. 21-7; 140).

Trata-se, como já sugerimos, da doença que adquiriu após contato íntimo com Felícia, a uma mulher que seguia humilhada, sobrevivendo da prostituição às margens do rio, entre viajantes e moradores de Cachoeira, a culpa e a culpada do sentimento de irrealização de Eutanázio.

Você está boa? Hem? Anda boa? Não está? [...] Credo, seu Eutanázio [...] Não sabia se estava contaminada. Se entregou a Felícia para corromper-se mais. Mas aqueles minutos foram horríveis. No meio daquela luta, ele subitamente se levanta, como se tivesse ido apenas com ela para contrair o mal [...]. Sentiu vontade de transmitir o mal a todas as mulheres do mundo. Se tivesse pegado o mal, era o sacrifício desejado. [...] Se entregou a Felícia para corromper-se mais (JURANDIR, 1941, p. 26-7).

A representação de Eutanázio, nesse momento, guardada as diferenças, se assemelha àquela elaborada por Ricardo Van Steen para figurar a vida do poeta Noel Rosa no cinema: canções, diversões desenfreadas nas noites, amores vividos sem limites, sem pudores. Noel foi um tipo presente no início do século XX, que morreu de tanto viver, uma vida curta, aproveitada em sua inteireza, apesar do pior (NOEL, 2006).

Enquanto o poeta da Vila, nesses anos iniciais do século passado, ardia de paixão por Ceci⁵, a “dama do Cabaré”, Eutanázio, compositor simples da Vila de Cachoeira, via na prostituta Felícia, a prostituta que “cheirava a terra úmida, a terra dos caminhos pisada por todos os caminhantes” (JURANDIR, 1941, p. 26), o seu agridoce prazer, seu mal de amor intenso, vivido, não dissimulado. Os versos irônicos e sarcásticos de “uma valsa cheia de palavras difíceis”, compostos por Noel Rosa, registrados por Leitão (2011, p.36), muito valeriam como criação do compositor simples que foi Eutanázio enredado ao amor de morte, sentido por Felícia:

Eu saí da tua alcova
Com o prepúcio dolorido
Deixando o teu clitóris gotejante
Com volúpia emurchecido.
Porém o *gonococcus* da paixão
Aumentou minha tensão...

Posto as aventuras amorosas - do ser real, Noel Rosa, e do ser ficcional, Eutanázio -, tornou-se comum a recorrência aos tratamentos populares, paliativos, que vizavam amenizar parte das consequências advindas dos “*gonococcus* da paixão”. Assim, tanto no romance de Dalcídio Jurandir como em outros romances que registram as décadas iniciais do século XX,

⁵ Em relação ao nome “Ceci”, temos um dado curioso em que Dalcídio, provavelmente, também tenha “ardido de paixão” por uma mulher com essa alcunha. Em sua coletânea sobre os escritores brasileiros contemporâneos, Perez (1964, p.92) registra que Dalcídio Jurandir, na entrada dos anos 30, em suas viagens pelas localidades do interior do Pará, vivera “uma paixão por mulher ausente, que aumentava. E certa moça de nome Ceci lhe ficaria como lembrança”.

como é o caso do romance *Enquanto as águas correm*, de Cyro Martins, aparece certo remédio utilizado por um grande número de homens como Eutanázio e Noel Rosa: o elixir de Nogueira.

- E até digo mais - continuava ela - devemos nos prevenir contra qualquer surpresa desagradável, tomando diariamente a nossa dosezinha preventiva. Isto eu não só aconselho, como cumpro religiosamente. Aqui em casa, todos os dias cada um toma as suas dosezinhas. Não é, Pacheco? Não é verdade que tu tomas todos os dias três colheres de **Elixir de Nogueira para afinar o sangue e curar a sífilis, ainda do tempo de rapaz?**
- **Ah, sim, o Elixir de Nogueira é ótimo preparado.** Faz muitos anos que o uso.
- E quem foi que te meteu esse hábito no corpo?
- Todos sabem que foi a minha velha.
- Ainda bem que tu reconheces.
- Ora, mulher... (MARTINS, 1939, p. 24, grifo nosso).

O diálogo entre o comerciante Pacheco e a mulher, poderia valer, por empréstimo perfeito, para a figura central do romance gaúcho, o personagem Izidro, um perambulante homem de vida mórbida, esfacelada por um viver errante, cheio de aventuras e acolhimento de uma prostituta, semelhante a vida de Eutanázio e Felícia que seguiam “doentes e satisfeitos”: “D. Gemi aconselhou o remédio [...] Felícia apareceu com quinze mil-réis para comprar um Elixir de Nogueira” (JURANDIR, 1941, p. 33; 166).

Ainda que no romance de Jurandir (1941), tanto narrador quanto personagens tratem da doença de Eutanázio de forma velada, envergonhada, deduzimos se tratar de alguma doença semelhante a sífilis ou a gonorréia. Pelo menos avistamos certos indícios, pois o medicamento existente em Cachoeira para o “mal de Felícia” é mesmo medicamento usado para tais doenças sexualmente transmissíveis. As boticas e farmácias populares, nesse contextos, passaram a ser os estabelecimentos comuns, às vezes os únicos, de fácil acesso para as muitas populações (das cidades e “dos campos”), enfrentarem suas sagas de saúde-doença. Tais sagas - Izidro e a prostituta no extremo sul; Eutanázio e Felícia no extremo norte -, representam apenas alguns itinerários de tantos outros indivíduos, que recorreram aos medicamentos populares, a sabedoria transmitida de forma oral entre comerciantes, vizinhos, familiares e amigos.

Com a “morte física” confirmada somente nas obras seguintes do ciclo dalcidiano, Eutanázio seguia sua vida em Cachoeira entre o amor não correspondido de Irene, as humilhações amoroso-sexuais de Felícia, as recordações de *Dores do Mundo*, obra de Schopenhauer que vira nas livrarias em Belém, e a vontade de cuidar, ser “enfermeiro de livros, pobres livros maltratados e doentes[...]estes seriam mais agradecidos, mais humanos” (JURANDIR, 1941, p. 38).

4 CONCLUSÃO

Há algum tempo que observamos na Literatura uma parceria para a compreensão/discussão de diferentes problemas, de determinadas questões. Talvez, pela liberdade que traz em seu bojo, a produção literária enquanto expressão artística possibilita a facilitação do ensino de educação, no nosso caso, a educação em saúde no início do século XX, a partir de um tipo, uma representação literária construída por Dalcídio Jurandir.

Ao tratarmos de algumas questões ilustradas na obra *Chove nos campos* de Cachoeira, sobretudo aquelas circundantes ao personagem Eutanázio, relembramos nesse momento conclusivo do ensaio que a liberdade utilizada pelo romancista não corresponde ao registro total da realidade, mas uma transfiguração, uma re-apresentação do real, expressando valor justamente por registrar, a partir da mescla do olhar objetivo e subjetivo, tipos humanos,

contextos, acontecimentos, uma série de episódios que, a sua maneira, também podem e devem ser colhidos pelo historiador, pelo memorialista.

Conhecer, problematizar, refletir sobre questões referentes à saúde-doença, tomando como referência o desenrolar da vida do personagem Eutanázio, corresponde a um duplo movimento, com ações combinadas: uma frente que sobressai a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, a produção de Dalcídio Jurandir – destacável escritor merecedor de notável posicionamento na Literatura Brasileira, Universal; em outra frente, a busca de inserção de outras possibilidades que auxiliem o trabalho dos educadores oriundos de diferentes campos, quer seja no ensino, quer seja na pesquisa (os profissionais que trafegam pela educação em saúde, pelos estudos culturais, pela Literatura como Fonte Histórica, por exemplo).

Esse movimento, sinalizará para a ampliação do quadro de referenciais na produção do conhecimento acadêmico, científico. Na verdade, entendemos que as diferentes áreas deveriam fazer uso das produções literárias, uma vez que elas são frutos de determinado tempo e representam a humanidade em (des)concordância com ideias, aspirações, inquietações, problemas, necessidades e esperanças de uma particularidade da história.

O material criado, nesse caso o romance, recebe a assinatura de um autor, contudo as questões ali tratadas pertencem a uma coletividade. Muito do específico representado em *Chove nos campos de Cachoeira*, apresenta similitudes a problemas universais. Eutanázio é um exemplo disso, haja vista ser um tipo social que caracterizou e caracteriza ainda homens e mulheres afetados por rejeições, pobreza, desigualdades, doenças e aflições humanas, de maneira mais ampla.

Inegavelmente, a Literatura, em especial a produção literária de expressão amazônica, com o romance inaugural de Dalcídio Jurandir, centra-se em sua missão ao ponto de ressaltar suas contribuições: anunciar, denunciar, propor soluções/reflexões à questões que insistem em afligir a sociedade global. Eis então uma das mais nobres “utilidades do inútil” que é a literatura, para lembrar o manifesto de Ordine (2016): ela nasce, reside e vive buscando sempre o registro e outras formas de se ver velhas-novas questões.

REFERÊNCIAS

BACON, Francis. **Historia vitae et mortis**. Volume 1. Ap. Joan Ravesteinium, 1663.

CALAMÉ, P. Defesa de uma redistribuição de saberes. In: WITKOWSKI, N. **Ciência e tecnologia hoje**. São Paulo: Ensaio, 1995.

CAMUS, A. **Le mythe de Sisyphe**. Paris: Galimard, 1942.

COIMBRA, C. O início da década de 20. In: **A Revolução de 30 no Pará - Análise Crítica e Interpretação da História**. Conselho Estadual de Cultura. Belém, 1981 (Coleção História do Pará - série Artur Viana).

FARIAS, Fernando Jorge Santos. **Representação de educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir: (des)caminhos do personagem Alfredo em busca da Educação Escolar**. 120p. 2009. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará. Belém, 2009.

FARIAS, Fernando Jorge Santos . Última Página de um Romance-Vida. **Antologia**: Poesias, Crônicas e Contos. Belém: EDUFPA, 2012.

JAMES, Henry. A Arte da Ficção (I). Tradução e Nota de José Geraldo Barreto Borges. **Longman's Magazine**, S.l, 1884 (Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, RJ: acervo “Dalcídio Jurandir – assuntos diversos”).

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. Rio de Janeiro: Vecchi Editor, 1941.

JURANDIR, Dalcídio. **Conflitos e Personagens no Romance**. S.l, 1954 (Casa de Rui Barbosa, RJ: acervo “crítico literário”).

JURANDIR, Dalcídio. **Romance, Realidade e História**. Casa de Rui Barbosa, RJ: acervo DJ Romancista. [S.l, 195?] a

JURANDIR, Dalcídio. **A Realidade Histórica no Romance**. Casa de Rui Barbosa, RJ: acervo Dalcídio Jurandir crítico literário. [S.l, 195?]b

LEITÃO, Luiz Ricardo. **Noel**: poeta da Vila, cronista do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARTINS, Cyro. **Enquanto as águas correm**. Porto Alegre: Globo, 1939.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

NOEL o poeta da Vila. Direção de Ricardo Van Steen. São Paulo: Imovision, 2006. 1DVD (96min).

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PANTOJA, Edilson. **Morte, Desamparo, Nihilismo e Liberdade**: abalo e entusiasmo ante Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

PEREZ, Renard. Dalcídio Jurandir. In: **Escritores Brasileiros Contemporâneos**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

STEPHANOU, Maria. Discursos Médicos e a Educação Sanitária na Escola Brasileira. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; STEPHANOU, Maria (Orgs.). **Histórias e Memórias da educação no Brasil**. Vol III – Séc. XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TORRES, Antônio; MARANHÃO, Haroldo; GALVÃO, Pedro. Um Escritor no Purgatório

[Entrevista com Dalcídio Jurandir]. **Revista Escrita**. São Paulo, 1976, p.3-5 (Casa de Rui Barbosa, RJ: acervo revistas).